



## AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO DISCURSO JORNALÍSTICO: A COBERTURA DA PARADA GAY DE 2008 PELA FOLHA E ESTADÃO E SEUS POSSÍVEIS EFEITOS DE SENTIDO

Rafael Chaves Martins<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar a cobertura jornalística realizada pelos O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo da edição de 2008 da Parada Gay, fazendo uma comparação entre ambas. O objetivo é verificar se é possível identificar uma tomada de posição ideológica da mídia, tendo em vista as diferentes coberturas realizadas de um mesmo evento por dois jornais diferentes. Trata-se de uma pesquisa teórica, ancorada em pressupostos da análise do discurso de linha francesa, que visa entender como uma ideologia é reproduzida/propagada. Os resultados preliminares apontam que há uma considerável diferença nas duas coberturas realizadas quanto ao enfoque dado à figura de *drag queens* e travestis, apresentando uma visão exaltadora e outra condenatória, porém ambas distorcidas da realidade.

**Palavras-chave:** Discurso jornalístico. Sexualidade. Ideologia.

### Introdução


Na cobertura de grandes eventos, a mídia impressa costuma noticiar apenas os fatos ocorridos, sem se preocupar muito em refletir sobre as demandas políticas e sociais reivindicadas ou a ideologia por trás do evento. Toda manifestação verbal está vinculada a uma ideologia, seja pelo entendimento do discurso como veículo de sua materialização ou por sermos seres ideológicos por natureza. Mesmo em um texto em que se preocupa apenas em relatar o evento, há marcas ideológicas.

O artigo se propõe a analisar a cobertura realizada da edição de 2008 da Parada Gay de São Paulo, com o objetivo de verificar se é possível identificar uma tomada de posição ideológica por parte da mídia. Foram selecionadas duas matérias, uma da Folha de S. Paulo e outra do Estado de S. Paulo.

A análise de discurso de linha francesa se ocupa de pesquisar os fenômenos de manifestação da ideologia no discurso. Por esse motivo, elegeu-se Charaudeau (2015), que analisa o discurso midiático sob a ótica da Semiologia. Também foi consultado

<sup>1</sup> Graduado em Letras (2011) e Especialista em Assessoria Linguística e Revisão Textual (2013) pela FAPA. Mestrando do PPG em Letras da UniRitter/ Bolsista CAPES, orientado pela Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mariana Botta. E-mail: rafael.marves@hotmail.com





Rajagopalan (2003), estudioso do discurso midiático. Além disso, foi adotado o conceito de ideologia de Bakhtin (2009).

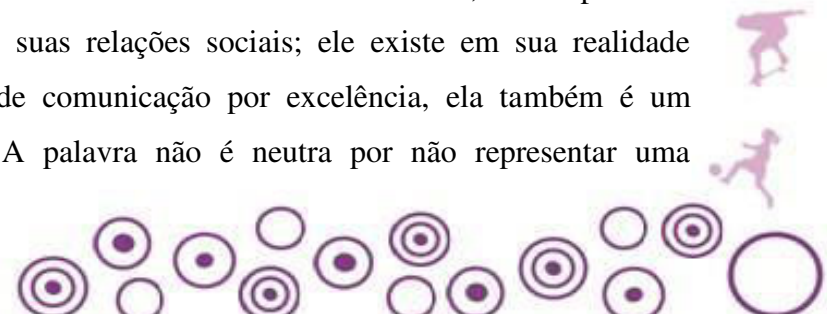
### **Fundamentação teórica**


Charaudeau (2015) analisa o discurso midiático, definindo-o como fenômeno de produção de sentido social. Para ele, a linguagem não é apenas o sistema de signos internos de uma língua, e sim um sistema de valores que orienta o uso de signos em circunstâncias de comunicação. Ou seja, essa linguagem, enquanto ato de discurso, indica a maneira como se organiza a circulação da fala em uma comunidade ao se produzir um sentido. “Assim, pode-se dizer que a informação implica processo de produção de discurso em situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2015, p. 33-34).

Quando se trata de informar, Charaudeau (2015) aponta para a importância das escolhas discursivas efetuadas pelo sujeito informador. O autor destaca os efeitos que as escolhas discursivas, ao tratar de determinada informação, parecem causar sobre o outro. Ao elaborar o seu discurso, o sujeito informador pensa em estratégias de como atingir o seu receptor, os efeitos de sentido. “Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdo a transmitir, [...] das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas.” (CHARAUDEAU, 2015, p. 39).

Rajagopalan (2003) analisa a cobertura da mídia norte-americana na Guerra do Golfo, revelando que o ato de nomear não é simplesmente semântico, e sim político. Ao nomear, ou apelidar, a mídia influencia a opinião pública sobre determinado fato, produzindo um sentido. O objeto deixa de ser único, exclusivo, ao ser nomeado, pois ele recebe um empréstimo de atributo. A ação de nomear é estritamente ideológica. O discurso jornalístico, em sua estrutura, é nomeador, visto que necessita contextualizar a reportagem ao seu leitor/ouvinte. Quem fala ou de quem se fala são dados essenciais ao noticiar. Porém, ao se fabricar ou emprestar novos termos de designação, o discurso jornalístico imprime seu ponto de vista. E, nesse processo, o leitor/ouvinte acaba por confundir opinião com fato. (RAJAGOPALAN, 2003).

Bakhtin (2009) afirma que não existe ideologia sem signo, portanto, é através do signo que a ideologia se materializa. O signo é um fenômeno do mundo exterior, criado por uma comunidade linguística em função das suas relações sociais; ele existe em sua realidade particular. Por ser a palavra o meio de comunicação por excelência, ela também é um fenômeno ideológico por excelência. A palavra não é neutra por não representar uma





ideologia, e sim por poder representar várias. Essa característica faz com que ela possa absorver qualquer função ideológica. (BAKHTIN, 2009). Entende-se, portanto, que é através da palavra que a ideologia se materializa, por ela ser o veículo de expressão da consciência. A neutralidade da palavra possibilita que ela seja o signo que expressa diferentes ideologias, o que não ocorre com os demais sistemas de signo. Além disso, é através do discurso que a ideologia se materializa. Por isso, não há discurso neutro, sem ideologia.

## As coberturas analisadas

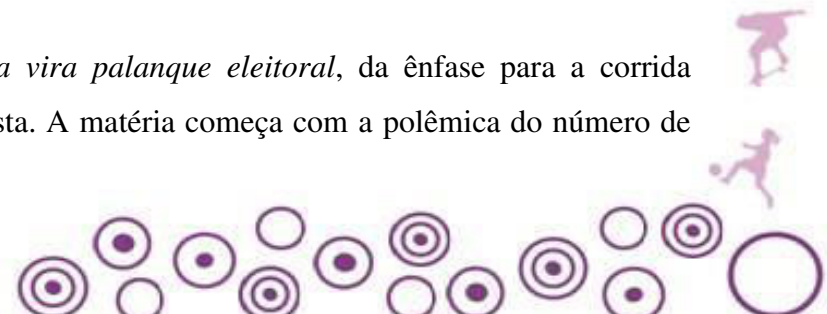
### Folha


A matéria, cujo título é *Parada Gay perde em glitter e ganha em diversidade*, dá ênfase para uma suposta mudança de comportamento na edição desse ano do evento. É destacada a ausência de celebridades e de *go-go boys*, a pluralidade de ritmos musicais, a decoração menor e a pouca presença de *drag queens*. No parágrafo seguinte, são destacadas as falas de dois participantes, uma *drag*, lamentando essa mudança de comportamento, e uma lésbica, elogiando. O terceiro parágrafo dá continuidade a essas falas, com duas *drags* reclamando da falta de brilho e glamour comumente presente no evento. Após, são relatadas duas campanhas publicitárias presentes na parada, da Caixa Econômica Federal e da marca de cueca Surrender. No final da matéria, é trazida a informação de que não houve contagem do número de participantes, nem pela política, nem pela organização do evento, embora houvesse a expectativa de ter alcançado o número de 5 milhões de participantes. O texto se encerra com a informação de que houve cerca de 20 furtos, “uma festa até comportada”. Há ainda uma caixa de destaque com uma nota falando sobre o pouco apoio legal no combate à homofobia no país.

A cobertura da Folha defende que há uma popularização da Parada como reflexo da sua mudança de comportamento, com menos colorido, fantasias e *go-go boys*. Ou seja, menos gays afetados, *drag queens*, travestis e sexo. Essa leitura, embora possível, parece ignorar o significado do que é a Parada, suas pautas e seu histórico. Porém, se pensado no perfil do leitor da Folha, que é de classe média – que, embora adote discursos conservadores, se declara liberal – essa cobertura faz maior sentido. É a popularização da Parada Gay na classe média.

### Estadão

A matéria, cujo título é *Parada vira palanque eleitoral*, dá ênfase para a corrida eleitoral pela prefeitura da capital paulista. A matéria começa com a polêmica do número de



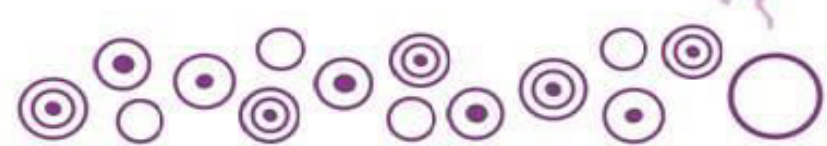



participantes, informando que nem a polícia, nem a organização do evento, divulgaram números oficiais, embora o presidente da APOGLBT acreditasse na presença de 3,5 milhões de pessoas. Nos quatro parágrafos seguintes, são apresentadas as falas e descrita a participação de três políticos candidatos ao cargo de prefeito. Dados da edição desse ano, como a geração de empregos e a ocupação hoteleira, divulgados pela SPTur, são apresentados nos dois parágrafos seguintes. A partir de então, a matéria se torna bem narrativa, relatando a interação do público, como o destaque recebido por *drag queens* e travestis, e a forma como policiais e seguranças lidam com o assédio por parte dos participantes. No fim, é destacada a boa organização do evento, sem atraso dos trios elétricos e respeitando o horário de encerramento, e o clima de decadência, nas palavras do próprio texto, ao relatar que participantes ignoravam os banheiros químicos e faziam xixi nas ruas. Na página da matéria, há uma caixa de destaque que relatam algumas notas sobre a parada, como a criação pela Fecomercio do Selo Diversidade, da prisão de um traficante, dos furtos, do uso de gás de pimenta para dispersar os últimos participantes e dos atendimentos médicos realizados no evento.

Na cobertura do Estadão, o grande destaque dado é a pauta eleitoral, inclusive no título; cinco dos doze parágrafos da matéria são dedicados à fala e à participação dos candidatos a prefeitura. Essa parece ser uma estratégia de tornar a cobertura interessante ao leitor do seu jornal, que tem um perfil específico. O Estadão é um jornal tradicional e conservador, logo seus leitores seguem por esse perfil. Acredita-se que a escolha por essa abordagem política seja para atrair a sua leitura, mas sem haver um choque ou atrito. O uso de dados econômicos divulgados pela SPTur (outros dois parágrafos) também corrobora essa análise. Porém, quando narra o que seria a “rotina” da Parada, o faz exaltando a figura das *drags* e travestis, sem uma reflexão da verdadeira rotina desses indivíduos fora da Parada.

### **As Diferenças das Matérias**

Alguns pontos chamam a atenção na leitura das duas matérias em comparativo. Enquanto a Folha aponta a pouca presença de *drag queens* e travestis, e o quanto isso, junto com a sentida ausência de *go-go boys* e decoração mais contida, contribui para a popularização da parada: “Com menos *go-go boys*, *drag queens* e fantasias, evento tem decoração contida e abre espaço para popularização” (CAPRIGLIONE; OLIVEIRA, 2008), o Estadão aposta no relato do sucesso da presença de *drags* e travestis, dos mais variados estilos, entre os participantes para demonstrar a importância do evento: “Na era do celular com câmera – travestis e *drags* ganham status de estrelas – não conseguem dar dois passos





sem ter de tirar uma foto. São de todos os tipos [...]”(MANSO *et al.*, 2008). E continua, contradizendo a matéria da Folha: “[...] às de mais idade, barrigudas, nem por isso menos montadas, de vaquinha, fio dental, tudo o que têm direito. Travestis com os seios de fora e homens de cueca também são figurinhas carimbadas” (MANSO *e. al.*, 2008). Há uma diferença de informação presente (redução do número de *go-go boys* e *drags* versus sucesso de *drags*, travestis e homens de cueca, que são figurinhas carimbadas), além de apontar para efeitos de sentido diferentes a partir dessas coberturas (diversidade de participantes e popularização da parada versus uma parada plural e espaço de liberdade e reconhecimento para seus participantes).

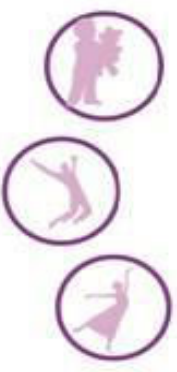
As duas perspectivas são válidas e leituras possíveis na cobertura do evento, porém elas não avançam em suas reflexões e, posteriores, consequências, como a Parada perder as suas características mais básicas, como o colorido e o protagonismo das excluídas (*drags* e travestis) – no caso da Folha – e as agressões e humilhações diárias vividas por travestis e *drags* em contraponto com o sucesso alcançado no gueto e em sua extensão, que é a Parada Gay – no caso do Estadão. Essas diferentes coberturas estão de acordo com o que diz Charaudeau (2015) quando afirma que as diferentes estratégias discursivas são escolhas de efeitos de sentido para se influenciar o outro.

A cobertura da Folha chama atenção ainda pelo uso do artigo “o” antecedendo o substantivo travesti, indo de encontro a uma antiga reivindicação do movimento trans que é o tratamento no feminino (a travesti). Em dois trechos da matéria, “[...] mesmo o travesti Andréa Albertino, aquele que [...]” e “[...] quando surgiram dois travestis de peito de fora [...]” (CAPRIGLIONE; OLIVEIRA, 2008), uma no começo e outra no final, encontramos essa ocorrência. Essa marcação do gênero masculino no substantivo para designar travestis e mulheres transexuais é excludente e transfóbica, e vai de encontro ao destacado por Rajagopalan (2003) ao declarar que o ato de nomear não é apenas semântico, e sim político.

## Conclusão

Diante do exposto, conclui-se que, embora haja uma dissonância no tratamento dado a *drag queens* e travestis nas coberturas realizadas pelos dois jornais, ambos falham em refletir sobre as suas demandas e lutas. O Estadão apresenta uma visão exaltada da figura desses indivíduos, tratada como uma celebridade, e a Folha como um empecilho para o avanço das demandas LGBTTs que são defendidas pela Parada. As duas coberturas tratam do mesmo evento de forma diferente em suas coberturas, demonstrando que há interesses políticos e ideológicos perpassando o discurso jornalístico. Mesmo se autorrotulando como isenta e





neutra, a mídia se vincula a uma ideologia. Isso se confirma, ainda, no uso do artigo definido masculino “o” antecipando o substantivo “travesti” – um caso clássico de transfobia que se materializa no discurso –, como afirma Bakhtin (2009) ao tratar a palavra como veículo de expressão da consciência, da materialização da ideologia.

### Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.
- CAPRIGLIONE, L.; OLIVEIRA, R. de. Parada Gay perde em glitter e ganha em diversidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, a. 88, n. 28908, 26 maio 2008. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br//leitor.do?numero=17549&anchor=5313827>>. Acesso em: 13 dez. 2017.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MANSO, B. P.; ZANCHETTA, D.; OSCAR, N.; FRANÇA, V. Parada vira palanque eleitoral. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, a. 129, n. 41859, 26 maio 2008. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20080526-41859-nac-31-cid-c6-not>>. Acesso em: 13 dez. 2017.
- RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

